

3 poemas de **João Guilherme Dayrell**

A criança

A voz subsume-se ao silêncio
A gagueira, infinitamente sub-versiva,
mina a ruína por terras fixas
quando seu concerto berra contra o canto

Mirada a guerra iluminada
a criança muda entra na piscina
esfola o crânio no azulejo
para, então, esgoelar apneias castradas

O espelho d'água reproduz
cria a cria siamesa
que parte-se sem trauma sobre a mesa
sendo mais uma refeição do dia

Sobre quais metais armar-se-ão os tubos?
Por quais meios guiar-se-ão os fluxos?
De amor e humor colore-se azulejos
De amar e armar quebram-se em despejos

Debaixo dos pedaços dos corpos
sobre os quais a criança cria
resta o nada do qual antes ria
Apatia orgulhosa de sua retina
gozo obtuso sob a rosa de Hiroshima

Aplausos póstumos

Continua, continua, continua, continua
Quando a morte chegar
em qualquer desvão dos dentes de um jaguar
a imagem inexistente do pavor,

que para contemplar o jardim de fezes
o que pré-existe ao encontro da mão com a neve
existirá nos olhos quaisquer que,
quando estiveres morta, de longe

Observe

Deveras, deve-te
escoar pelas malhas da infinita greve
já não das plantas, coqueiros ou lebres
Apenas vírus, concomitante, abrir e fechar
Invertendo a imagem que brota quando olha

o olhar deste jaguar

ante o fim de tudo
continuaremos, ainda que não saibamos, a andar no cinema
como a luz das estrelas
alimentando as fomes mais brutais
quando a luz, posto que luz, nos servirá

A cena, sobre a cena, para tudo aponta
Agora enxerga num zoológico de imagens
o câncer divinamente redimido
na boca dos subsumidos

Quando e como diabos da Tasmânia
por meio do berro mais obtuso
Comendo a carne podre
Animarão nossos defuntos?

Amo-te, amo-te, amo-te, amo-te
Como a mim mesmo
Que a pletora do olho do Jaguar
esteja sempre nos traços de nossas letras

Bravo, *humanitas!*

Sintaxe

O corte inerente ao esgar do olhar
agraciado, por sua vez, pelo vidro ubíquo
mira perfeitas suturas.
Amor infinitamente refletido.

Reflexo e atravesso, estátua e desconexo
Ata-nos lençóis, contratos de traças
que dançam, sobre o suplício dos nós,
e convidam-nos, no segredo das praças

O dia é lindo, as nuvens no céu, os carros zunindo
Torno-me sensível, observo-me rindo
Dizendo que não digo

Esgoto a cada passo em falso nas ruas
Sei que o que está atrás do olho
é sempre o que foi, o que é.

Perco todos os ônibus, não tenho dinheiro para táxis
organizo-me a cada milésimo de segundo
pagando impostos infinitos
para bascular no entorno do *lar*

é que na amálgama de lençóis em que agora me enforco,
cria-se

a sintaxe do poema.

João Guilherme Dayrell é doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), concentrando sua pesquisa nas relações entre homem e natureza/animalidade na obra de Osman Lins. E-mail: chicodms@gmail.com